

O desemprego parece, mas não é o fim da vida.

Por Tatiana Sampaio

“Milhões de brasileiros desempregados” - alertam as manchetes dos jornais diariamente. Quem está em busca de emprego sente-se desamparado, sem conseguir enxergar a luz no fim do túnel. Se não há convites para entrevistas, não há perspectiva. Nenhum indício de que o novo dia será diferente. Se há convites, o insucesso gera a sensação de perda de tempo - mesmo que os convites tenham sido inúmeros.

Quando o salário anterior mal dava para as despesas do aluguel e alimentação, a situação é de extremo desamparo. Uma pessoa preocupada com o próximo prato de comida não consegue pensar em outra coisa, não tem planos, não tem ânimo, não tem esperança.

Já entre lideranças, a perda da renda – e do cargo - vem acompanhada da queda no status social. É comum ouvir entre a média gerência a sensação de que os amigos não os procuram mais, como se tivessem se tornado párias. Muitas vezes, a rejeição está apenas na mente da pessoa desligada. Também é comum não ter outros interesses, hobbies e atividades associativas. O trabalho era o principal foco e sua falta causa um vazio. Para quem tinha um cargo especializado em empresa de grande porte, a adaptação a funções mais generalistas em empresas menores ou a um trabalho autônomo irá requerer uma verdadeira transformação.

A sensação de desamparo diminui na medida em que o trabalhador tiver mantido uma reserva financeira. Com ela, é possível candidatar-se a vagas com um pouco mais de tranquilidade ou mesmo fazer planos mais audaciosos. E isso independe do valor salarial, pois trata-se de uma reserva relativa ao estilo de vida de cada um: uma porcentagem da renda.

Um trabalhador que recebe 900 reais por mês e poupa R\$ 45, por exemplo, terá um salário guardado após dois anos de emprego. Já um profissional que recebe mais do que a renda mínima e tem muitos anos de carreira pode chegar a guardar 30% do salário e conseguir até mesmo montar o próprio negócio. Infelizmente não é o que ocorre na maioria dos casos, já que o brasileiro tem cultura de endividamento. Compra-se por impulso, a prazo ou mesmo por meio de empréstimos.

Qualquer que seja o caso, sempre será um momento de repensar as prioridades, refletir sobre erros do passado para acertos no futuro ou entender o que realmente tem valor na vida. Há quem descubra ter um filho adolescente, que detestava o que fazia ou que o

parceiro adorou tê-lo mais tempo em casa. Para quem anseia por uma nova vaga, o que importa não é o tempo que a pessoa passou fora do mercado, mas o que fez com esse tempo. Um período longe da rotina pode ser decisivo para um bom desempenho em cargos futuros e, muito frequentemente, mais ricos em termos de satisfação .